

A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL — Problema de Indústria ou de Educação? — Nelly Novaes Coelho, USP.

No momento em que se articulam, nos vários Estados, os grupos de estudo convocados para o planejamento do XIV Congresso do IBBY (International Board on Books for Young People) a ser realizado no Rio de Janeiro (de 21 a 25 de outubro próximo), juntamente com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, parece-nos oportuno trazer à tona uma série de problemas que estão a exigir urgente reflexão e discussões objetivas. Problemas que, obviamente, estão sendo enfrentados desde há muito pelos pequenos grupos que, em cada Estado, vêm arcando com o ônus de tentar resolvê-los. No entanto, tal resolução não pode depender apenas de uns poucos heróicos abnegados, ligados aos vários setores educativos. É urgente que a grande massa de professores, escritores e críticos tome consciência do processo que está em marcha e se convença de que a almejada solução depende de um amplo trabalho coletivo, que deve congregiar não só medidas governamentais, mas também esforços individuais e de grupos.

Todos os que estão ligados à tarefa docente na área do vernáculo (é essa a que nos vai preocupar aqui...), e especialmente os que trabalham com as crianças conhecem sobejamente os obstáculos que se opõem à rentabilidade de seu trabalho, devido a certos problemas aparentemente insolúveis, tal a complexidade que os caracteriza. Complexidade que podemos sintetizar em três perguntas: O quê? Como? Onde?

O QUE sugerir como leitura às crianças ou jovens estudantes? ou ainda, qual o critério a seguir para a seleção dos livros, por entre a imensa quantidade de publicações, se não há, via de regra, o trabalho selecionador/orientador da Crítica?

COMO interessar o jovem leitor por essa atividade básica em sua formação se, normalmente, ela é repudiada como enfadonha ou inútil? COMO concorrer com a influência maciça dos "meios de comunicação de massa" que cada vez se expandem mais, devido ao acelerado processo de democratização do ensino a que assistimos?

ONDE a crescente massa de estudantes poderá encontrar livros suficientes à crescente demanda imposta pelos novos métodos didáticos? Aceleração positiva, concordamos, mas que tem o seu reverso negativo: a precariedade de soluções concretas devido à inexistência de uma infra-estrutura de base sólida.

Produto industrial que deve ser, ao mesmo tempo, instrumento de educação, o livro tornou-se, em nossa época, um problema quase angustiante, que só pode ser plenamente compreendido por quem o vive no dia-a-dia do magistério. A verdade é que a moderna didática está hoje toda baseada na consulta ao texto e na pesquisa bibliográfica. No entanto, não é menos verdade que, entre a criação do livro pelo autor e a sua chegada às mãos do jovem leitor, há uma longa cadeia de operações que precisam de uma nova política do livro, para serem desempenhadas a contento: do autor ao editor, deste às livrarias; do esclarecedor trabalho do crítico, do bibliotecário e do professor (sem falarmos na orientação familiar de base, por ora praticamente inexistente em nossa sociedade de consumo em expansão).

Assim, desde há muito, as perguntas se sucedem: onde estão as "salas de leitura" ou bibliotecas escolares com pessoal técnico adequado que possa dar a necessária orientação à grande massa de jovens leitores? onde os postos de venda acessíveis colocados em pontos-chaves da cidade para atender com facilidade a todos? ou a produção editorial orientada por uma crítica esclarecida? etc. etc.

Não há dúvida de que, embora vivamos em plena era da imagem e do som, o livro ainda continua a ser considerado como o instrumento ideal no processo educativo. Bem sabemos que só a partir do momento em que a criança (ou o jovem) *aprende realmente a ler*, é que ela adquire capacidade de se empenhar em atividades culturais conscientes (interesse pela pesquisa; capacidade de análise e síntese; capacidade de valorização do real; conscientização do "eu" em face da vida exterior; desenvolvimento de uma mentalidade criativa; etc.), exatamente a capacidade que será a matéria-prima a ser explorada pelo mestre no processo da aprendizagem, através dos textos, ou melhor, da biblioteca de consulta. E neste caso, já a leitura da criança ultrapassará amplamente os limites da literatura "infantil" (e a dos jovens ultrapassará a "juvenil") ou do "livro de classe" para aventurar-se com proveito em áreas mais complexas: enciclopédias, livros documentários, artigos jornalísticos, reportagens, etc.

Entretanto, a condição prévia para esse fecundo aprendizado é, queiramos ou não, *aprender a ler bem*, isto é, compre-

ender e avaliar o sentido, o alcance, a beleza ou a emoção/prazer da leitura. É voz corrente dizer-se que a criança ou o jovem século XX repudiam a linguagem escrita, trocando-a pela linguagem visual (histórias em quadrinhos, tevê, cinema...) devido à sua compreensão mais fácil e imediata. Daí a tendência de certas técnicas didáticas em substituir a palavra pela imagem. Porém, a verdade é que, com a nova importância que a moderna pedagogia vem dando aos textos, nunca se exigiu tanta leitura dos estudantes como nas escolas de hoje. E, satisfeitos ou não, o certo é que lêem. O que está havendo é uma precaríssima compreensão e assimilação das leituras. E não só das leituras...

Faça-se uma pesquisa e descobrir-se-á que também as imagens, tão avidamente procuradas, não são melhor compreendidas e assimiladas do que a palavra escrita. Via de regra, servem apenas como superficialíssimos meios de distração. O que redundante, evidentemente, numa total e lastimável dispersão de energia e conseqüente bloqueio do processo educativo. De qualquer maneira, a esta altura dos tempos, já se começa a duvidar dessa ameaça que a imagem e o som parecem representar no processo de uma educação efetiva: gerando uma "geração sem palavras" como já foi exaustivamente repetido.

Será, talvez, o momento de se reconsiderar a exigência que vem sendo feita há anos aos professores, no sentido de combaterem a influência negativa da imagem (ou melhor, da "cultura de massa") em prol da palavra cultural, isto é, da *redescoberta da leitura* indiscutivelmente o fecundo veículo para a formação integral da personalidade. Já é tempo, porém, de aceitarmos a presença irredutível dessa "cultura selvagem" (no dizer de Jean Onimus) e tentarmos explorar o que nela existe de positivo, isto é, seu poder de atingir fundo a criança ou o jovem, em virtude da inata disponibilidade que eles apresentam para o movimento, para a aventura e para o jogo.

A atividade lúcida é, como sabemos, uma função essencial para o aprendizado. Não é mais possível ignorarmos a crescente influência desses "meios de comunicação de massa" que sociólogos, psicólogos e economistas vêm analisando em seus possíveis efeitos sobre as estruturas mentais do homem contemporâneo. Apenas, é preciso que os que têm a seu cargo a orientação dos imaturos no plano intelectual, saibam explorar tais "meios".

Como disse George Friedmann ao se referir à crescente minimização dos conhecimentos auferidos nos bancos escolares, "os conhecimentos, os valores da inteligência e da sensibilidade que o mestre inculca aos alunos através da palavra, o quadro-negro e a leitura não são mais do que ilhotas em meio do mar

de informações, de apelos, de solicitações pressionantes que se lançam sobre ele, ao sair da classe: solicitações do som e sobretudo da imagem, através de cartazes de propaganda, cinema, televisão, histórias em quadrinhos, rádio, canções..." (Paris, *Le Monde*, 8/jan./1966).

É essa uma afirmação que dificilmente podemos contestar. Daí não podermos também negar que uma cultura às avessas vem-se instalando no nosso mundo, utilizando processos opostos aos que fundamentaram a cultura tradicional: solicita o *sensorial* em lugar do racional; explora o *impacto* em lugar da ação gradual e progressiva; manipula as consciências reduzindo-as à passividade em lugar de impulsioná-las a uma atividade de verdadeira percepção do real que a cerca, de auto-conscientização e de autonomia de opções.

Essa influência existe de maneira irredutível.

Assim, a nosso ver, o problema que se coloca é *muito menos o de encontrarmos meios de combater* essa "cultura selvagem" do que *o de utilizarmos o que ela tem de positivo* para o desenvolvimento do processo de educação dos imaturos e, ao mesmo tempo, revelarmos o que ela tem de negativo.

Seja explorando seus elementos lúdicos, como motivações para atividades culturais previamente planejadas; seja conduzindo o aluno à análise crítica dos vários aspectos negativos dessa "cultura selvagem" para que ele adquira a consciência do fenômeno que tem por diante; seja ainda pela *utilização ampla dos múltiplos meios audiovisuais* que lhe servem de veículo, etc., etc. a verdade é que esses modernos "meios de comunicação" podem ser incorporados pelo processo da aprendizagem como abertura para o livro.

Tomar, por exemplo, como ponto de partida, certas "histórias em quadrinhos", certas "novelas de televisão" ou certa publicidade (mural, radiofônica, televisionada...) para levar os alunos a se interessarem por leituras correlatas ou desenvolverem seu espírito crítico de avaliação, é uma das práticas que já estão sendo exploradas com grande proveito (embora ainda em pequeníssima escala...). Práticas essas que, se por um lado são perfeitamente exequíveis em larga escala, pois não dependem de uma engrenagem industrial de alto custo (como a montagem de complexo equipamento audiovisual; gravadores; projetores...), por outro lado, são praticamente inexecutáveis, pois todas elas dependem de um professor preparado para essas novas trilhas, que possa responder conscientemente a pelo menos duas das perguntas que foram colocadas no início: o quê? e como? E a verdade é que esse professor é hoje praticamente inexistente, se temos em vista a extraordinária expansão da rede escolar em nossos dias.

A nosso ver, está aí um dos problemas cruciais da escola contemporânea: a inegável *falta de formação do seu atual corpo docente*, nos vários níveis do ensino. A pedagogia contemporânea emerge penosamente das esclerosadas diretrizes do passado e vem enfrentando uma dupla frente de ataque: a *democratização do ensino* e a *renovação dos métodos didáticos*. Obviamente, dois fenômenos que, na prática, colidem e se excluem mutuamente: a democratização congrega as massas culturalmente despreparadas, e a renovação dos métodos exige elites superpreparadas. A necessidade de atender simultaneamente a ambos os objetivos é que vem provocando, em todo o mundo, o visível desequilíbrio entre o que a escola pode oferecer e aquilo que as crianças e jovens realmente precisam receber.

É para esse problema que nos parece urgentíssimo que, com prioridade, devem ser encaminhados os estudos que visam a programação dos temas e debates para o próximo Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil. Se nessa ocasião for dada especial ênfase às medidas que poderão ser tomadas para sanar essa lacuna de base, temos certeza de que haverá fatalmente uma aceleração no processo educativo que está na base do consumo da literatura e que, como sabemos, por sua natureza, depende basicamente de tempo e de uma evolução a longo prazo. Alguma coisa de objetivo precisa ser feita urgentemente.

Sabemos à saciedade que de pouco ou nada adiantará a ampliação da rede escolar; a criação de "salas de leitura" e bibliotecas em profusão; ou ainda a definição objetiva de uma nova política do livro que congregue autor, crítico, professor, editor, livreiros e leitores, se a pedra-base do edifício não existir. E essa pedra é inegavelmente o *professor preparado* (bem como o crítico...) para suas novas funções.

Quer-nos parecer, pois, que uma das metas prioritárias para todos os interessados no problema educativo deverá ser a *formação de professores*, no que diz respeito à *literatura como instrumento de educação*. Principalmente para os que trabalham em níveis de 1º grau, está sendo urgente a criação de Cursos Intensivos de Preparação para o Ensino da Literatura Infantil e Juvenil: cursos trimestrais que podem ser criados junto às bibliotecas infantis já existentes, às bibliotecas gerais, Faculdades ou colégios em que funcionem cursos de Formação de Professores de 1º grau.

Seriam cursos intensivos visando, inicialmente, preparar os especialistas na área; especialistas que, por sua vez, possam ampliar essa "rede de formação" e atingir grupos cada vez maiores daqueles profissionais que têm a seu cargo a formação do jovem leitor ou do educando.

A essa medida urgente para sanar as graves lacunas já existentes, deveria somar-se outra, não menos imperiosa: a criação da disciplina Literatura Infantil e Juvenil não só nos cursos de Didática Especial de Português, nas Faculdades de Letras, como também em cursos de Pós-Graduação. Ou, ainda, a inclusão dessa matéria no Curso de Formação de Professores de 1º grau, com a duração de pelo menos seis meses. Sem essa estrutura de base que promova ou atualize a formação inicial do corpo docente, como poderão ser sanadas as lacunas apontadas? Bem sabemos que, sem medidas concretas, todas as discussões continuarão estéreis, e os diligentes esforços dos poucos abnegados que se preocupam com problema tão essencial, como a formação da criança, cairão no vazio.

Só do entrosamento dos esforços governamentais e dos grupos de professores, escritores, críticos, bibliotecários, técnicos em educação, etc., conscientes da importância e urgência do problema, poderão surgir planos concretos a serem realizados a curto prazo como ponto de partida para as verdadeiras soluções, que poderão ser atingidas a longo prazo.

Esperemos que os grupos de trabalho que se estão articulando para o próximo Congresso Internacional a se realizar no Rio de Janeiro, em outubro próximo, possam lançar as bases concretas de uma ação imediata e objetiva...

-
1. Ver a análise que dela fez Cl. Duchet em "Pour une sociocritique ou variations sur un incipit", *Littérature*, nº 1, fevereiro, 1971.
 2. Sobre o problema da anáfora, ver notadamente a excelente análise de Michel Maillard, "Anaphores et cataphores", *Communications*, nº 19, 1972.
 3. Só quatro dos vinte romances não entram em nenhuma das duas séries. É preciso, ainda, observar que, em certo sentido, a primeira cena do Doutor Pascal superpõe reconcilia as duas situações. Pascal, o sábio, vasculha o armário grande à procura de uma nota, de uma informação: sua procura é espera de uma revelação ao mesmo tempo que movimento de descoberta e penetração.